

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS COM E SEM FILHOS

PATRICIA RAQUEL SANTOS IRAN DA CRUZ GOMES

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Família e Intervenção Sistémica

Coimbra, 2014

Redes Sociais Pessoais de Idosos Com e Sem Filhos

Patricia Raquel Santos Iran da Cruz Gomes

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica,
Ramo de Especialização em Família e Intervenção Sistémica

Orientadora: Professora Doutora Sónia Guadalupe

Coimbra, 2014

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim desta etapa, gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que me apoiaram e acreditaram em mim... essencialmente:

À **Professora Doutora Sónia Guadalupe**, expresso o meu profundo agradecimento pela orientação e apoios incondicionais. Pelo saber que transmitiu, pelas suas opiniões e críticas, pela total colaboração no solucionar de dúvidas que me foram surgindo ao longo deste trabalho e por todas as palavras de incentivo.

Aos meus **pais** e à minha **irmã** que sempre estiveram ao meu lado neste percurso académico, pelo incentivo e apoio incondicional.

Ao **Hugo**, por toda a paciência, carinho, incentivo e por ter estado sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis.

A vários elementos da **família** e **amigos** por todo o apoio e preocupação.

Por fim, e não menos importante, queria agradecer a todos os **idosos** que colaboraram e assim contribuíram para a realização deste projeto de investigação.

A todos, um MUITO OBRIGADA!

RESUMO

Objetivos: O presente estudo tem como objectivo analisar as redes sociais e pessoais de idosos portugueses com filhos e sem filhos, relativamente às características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais.

Metodologia: Para a avaliação das variáveis em estudo foram utilizados: o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal, versão para idosos (IARSP – Idosos) (Guadalupe, 2010; Guadalupe & Vicente, 2012) para avaliar as dimensões da rede social pessoal; um inquérito por questionário para caracterização da amostra a nível sociodemográfico e sociofamiliar.

Participantes: A amostra é constituída por 418 idosos, com uma média de idades de 76 anos (DP=7,62), entre os 65 anos e os 98 anos, maioritariamente do sexo feminino (63,9%), casados ou em união facto (51,0%) e com escolaridade (63,9,1%). A maioria dos idosos inquiridos vive com agregado familiar (80,4%) em zonas rurais (64,8) e não usufrui de qualquer tipo de apoio de resposta social (71,5%).

Resultados: Os idosos com filhos são maioritários (n=364; 87,1%) e os sem filhos os minoritários (n=54; 12,9%) na nossa amostra. Dos que têm filhos, 29,9% (109) têm filhos únicos e 70,1% (255) têm mais do que um filho (67% com 1 ou 2 filhos), sendo os filhos maioritariamente de ambos os sexos (n=158; 43,4%). Os resultados sugerem que o facto de os idosos terem ou não terem filhos reflete-se sobretudo em diferenças nas características estruturais das redes. Os idosos com filhos apresentam uma média mais elevada no tamanho da rede, na proporção das relações de familiares, e satisfação da rede e reciprocidade de apoio ($p \leq 0,001$), a nível das características funcionais. Já relativamente à proporção das relações de amizade, vizinhança na rede, são os idosos sem filhos que apresentam uma média substantivamente mais elevada ($p \leq 0,003$) do que a outra subamostra, apresentando também uma maior durabilidade das relações interpessoais ($p < 0,03$). As correlações entre o número total de filhos/as com as características estruturais e funcionais da rede, indicam-nos que quanto maior é o número de filhos maior é o tamanho da rede, a proporção das relações familiares, o apoio emocional, a reciprocidade de apoio, a satisfação com a rede e com o suporte social.

Conclusões: O nosso estudo revela que as redes sociais pessoais dos idosos diferenciam-se a nível estrutural segundo o facto de terem ou não filhos, mas também nalgumas variáveis funcionais. Os idosos com filhos apresentam redes mais alargadas e muito centradas nas relações familiares na rede (sensivelmente menos um terço) do que os idosos sem filhos. Os últimos apresentam redes menores (com cerca de 2 pessoas a menos) e mais investidas nas relações de amizade e de vizinhança (com proporções que representam mais do dobro destes vínculos).

Palavras-chave: Rede Social Pessoal, Idoso, parentalidade, (in)existência de filhos/as

ABSTRACT

Goals: The present study has the purpose to analyze the personal social networks of Portuguese elder with our without sons/daughters, in their structural, functional and contextual relations.

Methodology: We used for the evaluation of the variables: The Personal Social Network Analysis Tool, regarding elderly people (IARSP – elderly people) (Guadalupe, 2010; Guadalupe & Vicente, 2012), to evaluate the personal social network dimensions; a survey through an inquiry to characterize the sample at sociodemographic and at sociofamily level.

Participants: The sample includes 418 elderly with an average age of 76 years old (DP = 7,62) between 65 and 98 years old, mainly women (63,9%), married or living as a couple (51,0%) with education (63,9,1%). Most of the elderly people who answered the survey live in family household (80,4%) in rural areas (64,8) and do not benefit from any type of social services support (71,5%).

Results: The majority is elderly people with sons/daughters (n=364, 87,1%) and the ones without are the minority (n= 54, 12,9%) in our sample. Within those who are parents, 29,9% (109) have only one child and 70,1% (255) have more than one child (67% with 1 or 2), and the children are mainly of both sexes (n= 158; 43,4%). The results suggest that the fact that the elderly have or not have children is reflected especially in differences in the structural characteristics of the networks. Elderly people with children have a higher average in the network size, in the proportion of family relationships, and satisfaction of the network and reciprocal support ($p \leq 0,001$). Regarding the proportion of friendly relations, network neighborhood, are the elderly without children who have a substantially higher mean ($p \leq 0,003$) than the other subsample, also featuring improved durability of interpersonal relationships ($p < 0,003$). The correlations between the total number of children/with the structural and functional characteristics of the network, indicate that the greater the number of children, the greater the size of the network, the proportion of family relationships, emotional, support, reciprocity support and satisfaction with social network.

Conclusion: Our study reveals that the personal social networks of the elderly differ in the structural level, according to whether they have sons/daughters or not, but also in some functional variables. The elderly with children have networks much more broader and centered on family relationships (roughly one-third) than elderly without children. These elderly without children have smaller networks (about 2 fewer people) and more centered in relations of friendship and neighborhood (with proportions that are more than the double compared to the other subsample).

Key-words: Personal Social Networks; elder people, parenting; with our without children

Índice

Introdução	1
Redes Sociais Pessoais e Suporte Social em Idosos	2
Idosos com filhos e sem filhos	4
Objetivos	6
Material e Métodos	6
Análise estatística	8
Amostra	9
Resultados	10
Discussão e Conclusão	16
Referências Bibliográficas	21

Tabela 1 . Caraterísticas Sociodemográficas da amostra segundo a (in)existência de filhos...	10
Tabela 2 . Caraterísticas da rede social pessoal da amostra global.....	11
Tabela 2 a . Caraterísticas da rede social pessoal da amostra global.....	12
Tabela 3 . Características da Parentalidade na amostra.....	12
Tabela 4 . Número de Filhos dos idosos da amostra, segundo o sexo.....	13
Tabela 5 . Características estruturais da rede segundo a (in)existência de filhos na rede	14
Tabela 6 . Características funcionais da rede segundo a (in)existência de filhos na rede.....	14
Tabela 7 . Características relacionais-contextuais da rede segundo a (in)existência de filhos na rede.....	15
Tabela 8 . Características da rede segundo a parentalidade com filhos únicos vs com filhos em fratrias.....	15
Tabela 9 . Correlações entre o número total de filhos/as e as características estruturais e funcionais da rede social pessoal	16

Introdução

O envelhecimento é cada vez mais uma problemática das sociedades atuais. Segundo os dados do INE (2011), considerando que vivemos em sociedades envelhecidas devido a um aumento da esperança média de vida e à diminuição da fecundidade, cada vez mais haverá mais idosos e menos jovens. Assim, a população residente em Portugal tenderá a diminuir até 2060, em qualquer dos cenários de projeção. No cenário central a população diminui de 10,5 milhões de pessoas em 2012, para 8,6 milhões de pessoas em 2060. Para além do declínio esperam-se alterações da estrutura etária da população, resultando num continuado e forte envelhecimento demográfico. As tendências demográficas recentes são caracterizadas pelo aumento continuado da esperança de vida, a redução da mortalidade infantil, o aumento da emigração, a queda acentuada da fecundidade e o conseqüente envelhecimento da população. Logo, entre 2012 e 2060, o índice de envelhecimento aumenta de 131 para 307 idosos por cada 100 jovens bem como o índice de sustentabilidade passa de 340 para 149 pessoas em idade ativa por cada 100 idosos (INE, 2014).

Segundo o censo demográfico de 2011 (Pordata, 2013), a população Portuguesa de hoje é de 10.562.178 milhões de pessoas, sendo que 5.046.600 são homens e 5.515.578 são mulheres. A predominância do sexo feminino entre os idosos, explicita que será o sexo feminino as maiores dependentes de cuidados.

Correia (2009) revela que envelhecer é um processo contínuo e inevitável, com o qual todos nós nos deparamos diariamente e em Portugal, bem como noutros países, tem vindo a aumentar a preocupação com a forma como se envelhece, tendo em conta esta pirâmide etária.

Para estas preocupações concorre o facto de, quando se envelhece, os idosos, lidam com o desaparecimento gradual dos seus entre-queridos privando-os de terem ao seu lado pessoas a quem recorrer (idem). Quando se inicia o envelhecimento, a funcionalidade normal dos sistemas corporais entra em declínio, logo, os idosos confrontam-se com problemas acrescidos de autonomia e dependerão cada vez mais uns dos outros, bem como do apoio social, nomeadamente do apoio informal, frequentemente associado à família. Os filhos, e muito em particular as filhas, são uma importante base de ajuda e cuidados (Shanas et al., 1968; Chappell, 1991; Cantor, 1994; Stone et Rosenthal, 1997).

Os estudos revelam que no cuidado ao idoso, a família surge como um papel de destaque para assumir os cuidados, embora a designação do cuidador informal seja decorrente de uma

dinâmica, o processo parece obedecer a certos padrões refletidos em alguns factores: parentesco, género, proximidade física e proximidade afectiva (Caldas, 2004).

A literatura demonstra que nas famílias com indivíduos idosos, os filhos são principais cuidadores, contudo alguns estudos afirmam que a existência de filhos não parecia interferir com o bem-estar dos mais velhos em qualquer das investigações que realizaram. No entanto, existem estudos que revelaram que as pessoas que têm filhos, têm menos probabilidade de viver sós quando envelhecem que as que não têm filhos, embora nem sempre seja manifestado (Mutchler, 1992; Wolf, 1994).

Num outro estudo que foi realizado, comparou-se as redes sociais de idosos de áreas rurais e urbanas em Portugal (Paúl, Fonseca, Martín e Amado, 2005), verificou-se que embora o tamanho da rede social fosse maior nas zonas rurais, a sua constituição envolvia sobretudo vizinhos e o número de confidentes era menor, no entanto Hareven (1996) refere o facto de (co)existirem várias gerações não é sinónimo de maior suporte, verificando-se por vezes situações de conflito.

Muitas vezes são os idosos que, devido a uma maior disponibilidade de tempo, que iniciam a aproximação com os seus familiares visto que os filhos nos dias de hoje têm de conseguir conciliar vários papéis, como carreira profissional, pais dos seus filhos e, por último, cuidadores dos seus progenitores (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2006).

Segundo Karsch (2003) as estruturas familiares, no mundo inteiro, estão a sofrer modificações rápidas ocasionadas por diferenciados motivos: separações, divórcios e novas uniões, instabilidade do mercado de trabalho e movimentos migratórios nacionais e internacionais em busca de oportunidades de trabalho; maior tempo de vida das gerações e um aumento do contingente de viúvas, geralmente morando sozinhas nas cidades; idosos exercendo chefias na família; e a participação crescente da mulher no mercado de trabalho, por isto e por esta generalidade será interessante estudar as redes sociais pessoais dos idosos que têm e não tiveram filhos.

Redes Sociais Pessoais e Suporte Social em Idosos

Existem múltiplas concepções relativamente ao conceito de redes sociais, estando este conceito ligado à Antropologia, Sociologia, ao Serviço Social, Psiquiatria e Psicologia (Portugal, 1995, 2007; Guadalupe, 2000, 2009). Segundo Neri (2004), as redes de relações sociais são tópicos atuais dentro da Psicologia, particularmente no que se refere ao contributo para o bem-estar dos idosos. Constata-se assim que nos últimos tempos "têm aumentado o número de estudos sobre a qualidade de vida dos idosos, na sua vertente multidimensional, e sobre as

relações que estabelecem, formais e informais, e a forma como se veem na sociedade e no seio da família” (Correia, 2009, p.1). Estas relações a que Correia (2009) se refere, são as designadas redes sociais dos idosos.

Sluzki (1996, p.42), define rede social pessoal como “a soma de todas as relações de um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anónima da sociedade”, sendo compostas por um conjunto de vínculos interpessoais e de práticas sociais: família, amigos, relações de trabalho, de estudo e de inserção comunitária. Do ponto de vista social, Sluzki considera a velhice uma desconstrução da rede social e do interesse em refazê-la, pois

(...) à medida que se envelhece, a rede pessoal social sofre mais perdas ao mesmo tempo em que as oportunidades de substituição para estas perdas reduzem-se drasticamente. Além disso, os esforços que é preciso despende para manter uma conduta social ativa são maiores, a dificuldade para se mobilizar e para se mover é maior, e a acuidade sensorial é reduzida, o que diminui as habilidades e, em longo prazo, o interesse em expandir a rede (...) Com o desaparecimento de vínculos com pessoas da mesma geração, desaparece boa parte dos apoios da história pessoal (...) Parte da experiência de depressão que parece instalar-se em muitos velhos de maneira opressiva emana da solidão e da consequente perda de papéis (Sluzki, 1997, p. 117-118).

Sluzki (1997) afirma que a evolução da rede social do indivíduo ao longo do tempo, ocorre em três processos: expansão, estabilidade e retração. Relativamente à expansão, ocorre devido à incorporação de novos vínculos. O segundo período, a estabilidade, ocorre quando o indivíduo está na fase madura e cultiva as relações que foi construindo ao longo dos anos até ao momento presente. E por último a retração ou extinção ocorre à medida que o indivíduo envelhece, sofrendo perdas significativas existindo menor probabilidade de criar novas amizades o que diminui as ocasiões sociais para criar novos laços de amizade.

A rede social assume diferentes formas, de acordo com o tipo de laços e de atores sociais implicados, fornecendo um espaço onde os papéis são ativados e valorizados, sendo que o indivíduo é compreendido, como um elemento interativo num conjunto de “*parceiros sociais*”. (Guadalupe, 2003, p.69)

Para Fernandes (2001), a família é o lugar principal das partilhas intergeracionais. É o lugar da troca e da entreatajuda, onde as gerações se encontram de forma intensa. Nos casos em que os idosos não têm filhos, a probabilidade de integração num lar é maior, uma vez que, comumente, são os irmãos ou sobrinhos que arcam com a responsabilidade do cuidado (Perlini, 2007). A vulnerabilidade dos idosos sem filhos ou com filhos ausentes é muito grande. Na ausência da família e sobretudo da (in)existência de filhos, acresce a importância das relações de comunidade que funcionam como uma base protetora para o bem-estar emocional e

físico dos idosos quando confrontados com momentos da vida marcados pela entrada no período da reforma, de viuvez, de dependência ou outros momentos de carência ou privação (Pimentel, 2001; Sousa *et al.*, 2006). As relações de vizinhança permitem a familiares e vizinhos manterem os seus idosos em suas casas mesmo em situações de dependência extrema como em caso de idosos acamados ou a viverem sozinhos (Hespanha, 1993). Mas, segundo Grelha (2009), nos indivíduos idosos dependentes o cuidador informal predominante é a geração posterior, nomeadamente os filhos.

A literatura tem vindo a apontar a “parentalidade” como um dos principais organizadores do ciclo de vital e um fator relevante na integração social dos indivíduos e de qualidade de vida e bem-estar (Dykstra & Hagestad, 2007). O dever de cuidar dos idosos é tido como uma extensão dos papéis sociais da família, e estes levam este cargo muito seriamente. Nas sociedades rurais, os filhos sentem ainda a obrigação de coabitação com os pais quando estes se tornam dependentes, voltando a viver na casa destes ou optando por recebê-los em sua casa (Hespanha, 1993).

Idosos com filhos e sem filhos

As redes sociais desempenham um papel fundamental na saúde dos indivíduos. Sluzki (1996) refere que a presença de familiares ou de amigos próximos diminui as situações potenciadoras de tensão. A ajuda recebida e a ajuda dada contribuem para um senso de controlo pessoal, tendo uma influência positiva no bem estar psicológico (Cockerham, 1991).

Um estudo de Wu e Pollard (1998), concluiu que o suporte emocional é a necessidade substancial menos alcançada que os idosos solteiros e sem filhos apresentam, o que para estes autores representa uma ameaça para a qualidade de vida desses mesmos idosos. Neste sentido surge um estudo efetuado por Vikström (2011) sobre a influência da condição de não ter filhos (« childlessness ») no bem-estar psicológico em idosos com 85 ou mais anos de idade, o qual conclui que nem sempre a condição de não ter filhos constitui uma desvantagem, pois não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas medidas de bem-estar psicológico em indivíduos com ou sem filhos. O estudo aponta ainda para que os indivíduos que não têm filhos não experienciem maiores sentimentos de solidão, infelicidade, ou satisfação, embora os indivíduos idosos sem filhos tenham redes sociais com menor potencial de suporte do que aqueles que são pais, entre os dois grupos não existem diferenças estatisticamente significativas (Vikström, 2011). Por isso, hipotetizam que os idosos sem filhos encontrem caminhos e alternativas para lidar com quaisquer defeitos negativos que a condição de não ter filhos tenha implicado nas suas vidas (Vikström, 2011).

Outro estudo semelhante, efetuado por Dykstra e Hagestad (2007), debruçou-se sobre as trajetórias de vida que conduzem à condição de não ter filhos e à influência que esta opção confere nas fases finais do ciclo vital. As conclusões salientam que o facto dos sujeitos optarem por não ter filhos, estimula uma maior abertura e procura no fator de sociabilização, logo potenciam-se as redes pessoais, resultando no seu alargamento e numa maior heterogeneidade, quando comparadas com as redes de idosos com filhos.

No entanto, com a progressiva diminuição do tamanho das famílias, e com a existência do número cada vez maior de filhos únicos, os seus membros ficam impossibilitados de prestar assistência necessária ao idoso, dada a maior subcarga familiar e dificuldade em conciliar a vida familiar com a vida profissional (Silva, 1996). Por esse motivo, os indivíduos idosos que não têm filhos são frequentemente considerados como estando em desvantagem em relação aos seus pares que são pais (Paúl, 2001).

Neste caso, em que os idosos não têm filhos, "(...) acresce a importância das relações de comunidade que funcionam como uma base protetora para o bem-estar emocional e físico dos idosos quando confrontados com momentos da vida marcados pela entrada no período da reforma, de viuvez, de dependência ou outros momentos de carência ou privação". (Amador, 2010, pp.15-16).

Neste sentido, também para Pimentel (2005), o cenário ideal para qualquer idoso que pretenda viver de forma equilibrada e sem grandes descontinuidades é a permanência no meio familiar e social, mesmo porque o apoio dado pelos familiares e/ ou amigos é, geralmente, o mais adequado às necessidades de cada indivíduo.

Já segundo Paúl (2005), a rede de amigos é uma escolha voluntária por parte dos indivíduos, potencialmente mais positiva do que a rede familiar. No que diz respeito à amizade na velhice, esta é mais heterogénea, pois além dos amigos do mesmo sexo, tem-se muitos amigos do sexo oposto e um grande saudosismo em relação às amizades do passado (Shea, Thompson & Blieszner, 1988; Souza & Garcia, 2008, *citado por* Freitas, 2001, p.39). Assim afirma que na velhice, "(...) uma relação harmoniosa com outros indivíduos, com quem se partilhem vários interesses, substitui muitas vezes com vantagens, as relações de dependência pais-filhos" (Meier-Ruge, 1988, Fernandes, 2000, *citado por* Freitas, 2011, p.40). Fredrikson & Cartensen (1990) dizem que os idosos são seletivos na escolha dos parceiros sociais, preferindo as relações familiares em detrimento de novas amizades. Referem, ainda, que os níveis de interação social diminuem com o avançar da idade (Paúl, 1997). No entanto, varios estudos mostram que os idosos que não casaram, em particular os divorciados e os solteiros, e aqueles que não tiveram

filhos têm de contar com os amigos e vizinhos nas suas redes sociais. (Chappel, 1991; Connidis et McMullin, 1994; Barrett et Lynch, 1999).

Num estudo de Côca (2012), com o objetivo de conhecer as redes sociais pessoais e a qualidade de vida em idosos sem filhos, concluiu-se que as redes sociais pessoais das pessoas idosas sem filhos, apresentam características que lhes conferem maior resiliência, evidenciando, por exemplo, maiores níveis de apoio recebido quando comparados com outros estudos que analisam as redes de idosos com filhos. Neste estudo conclui-se ainda que a qualidade de vida pode ser potenciada por relações duradouras, indicando que é relevante manter ao longo da vida os laços mais antigos.

Objetivos

A presente dissertação integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais e Pessoais de Idosos Portugueses”, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do ISMT e no centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). Este estudo pretende descrever e tipificar as redes sociais em idosos portugueses quanto às suas características estruturais, funcionais e relacionais contextuais, analisando intercessões com variáveis demográficas, familiares, relacionais, socioprofissionais, psicológicas, de saúde e de participação social, pretendemos integrar estudos seccionais, utilizando as metodologias quantitativas e de análise de redes sociais.

Para o nosso estudo foi definido o seguinte objetivo: descrever e analisar as características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais pessoais de idosos com e sem filhos.

Material e Métodos

O presente estudo integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais em Idosos”, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do ISMT e no Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), da responsabilidade das Professoras Doutoradas Sónia Guadalupe, Fernando Daniel, Inês Amaral e Professor Doutor Henrique Vicente.

O projeto de investigação integrou em 2014 uma equipa de 5 licenciados, tendo em 2013 contado com a colaboração de 13 mestrados, a desenvolver as suas dissertações de mestrado em Psicologia Clínica e em Serviço Social no Instituto Superior Miguel Torga.

O projeto de investigação “Redes Sociais Pessoais em Idosos” utiliza um protocolo de recolha de dados com 8 secções de questões:

- 1)Características sociodemográficas e familiares;
- 2)Características socioprofissionais e de aposentação;
- 3)(E) Migração;
- 4)Saúde e qualidade de vida;
- 5)Solidão e depressão;
- 6)Satisfação com a vida, com relações interpessoais e coping resiliente;
- 7)Participação social;
- 8)Rede social pessoal;

O protocolo inclui nove instrumentos padronizados, em versão integral ou parcial. No nosso estudo utilizámos o IARSP-R -Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (Guadalupe & Vicente, 2012) adotado especificamente para o presente protocolo de investigação, é um instrumento descritivo e multidimensional que permite recolher informação acerca da rede social pessoal do indivíduo inquirido. Este instrumento é composto por um conjunto de itens que permite caracterizar a rede quanto o tamanho, composição, durabilidade do vínculo, homo/heterogeneidade da rede, densidade, frequência de contactos, dispersão geográfica, e quanto às funções genéricas de suporte social (Guadalupe, 2010). Adicionalmente, ainda é constituído por um conjunto de questões que permitem avaliar a reciprocidade de apoio, a mudança percebida no tamanho da rede com a aposentação, as perdas, a situação com a rede e com o suporte social, os cortes relacionais e se tem cuidador. Todas as características são atribuídas (de forma aberta ou com uma escala de resposta própria) a cada um dos elementos sinalizados como membro da rede por parte do entrevistado. Assim sendo, este questionário possibilita caracterizar as redes nas suas dimensões estruturais, funcionais e contextuais (Guadalupe, 2010). Pode ser um instrumento de autorresposta ou utilizado em situação de entrevista. No nosso estudo foi utilizado em situação de entrevista, os idosos eram questionados acerca dos apoios emocional, financeiro, instrumental, técnico ou de serviços, aconselhamento, acesso a novos contatos, companhia social e regulação social, conflito, intimidade e reciprocidade. Foram também questionados sobre a mudança percebida no tamanho da rede com a aposentação, perdas, cortes relacionais, satisfação com a rede e com o suporte social, se tinha ou não um cuidador. De seguida serão mencionados alguns exemplo do modo de avaliação:

- Relativamente ao tamanho – «Refira o nome das pessoas com quem se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam» ;
- Durabilidade – «Refira há quanto tempo conhece ou mantém um relacionamento com

cada elemento»;

- Densidade – «Quem conhece quem na rede»;
- Apoio – «Indique o nível de apoio ou ajuda percebida, em cada uma das seguintes áreas (1. Nenhum, 2. Algum, 3. Muito)»;
- Satisfação com o suporte social – «Indique o nível de satisfação com o suporte social (1. Nada, 2. Pouco, 3. Muito)»

Sendo um instrumento descritivo que não tem um constructo unidimensional que se reúna num ou em mais fatores, não permite uma avaliação psicométrica.

Análise estatística

Para o tratamento estatístico dos dados utilizamos o programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 19.0 para Windows. Os procedimentos estatísticos foram eleitos de acordo com os objetivos e hipóteses do estudo, assim como, do tipo de variáveis em causa. Os domínios estatísticos serão fundamentalmente os descritivos, correlacionais e inferencial.

Previamente à realização dos principais testes, foram efetuadas análises às variáveis compreendidas no estudo, com o objetivo de averiguar a normalidade das distribuições segundo os fatores em estudo. Desta forma, foi efetuada a avaliação da normalidade da distribuição das variáveis através dos testes de Kolmogorov-Smirnov que é usado para determinar se duas distribuições de probabilidade subjacentes diferem uma da outra ou se uma das distribuições de probabilidade subjacentes difere da distribuição em hipótese, em qualquer dos casos com base em amostras finitas.

No nosso estudo, apesar da amostra ser maior do que 30 sujeitos, verificamos uma assimetria na distribuição das variáveis, na maioria dos casos, tendo optado mais frequentemente pela estatística não-paramétrica.

Amostra

A amostra é constituída por 418 indivíduos de ambos os sexos, com idades superiores a 65 anos. A análise da distribuição por género revela uma amostra composta maioritariamente pelo sexo feminino (n=267; 63,9%), sendo o sexo masculino representado por 36,1% do total da amostra (n=151).

A média das idades é de 76 anos (DP=7,62), sendo que o sujeito mais novo tem 65 anos e o mais velho 98 anos. Relativamente ao estado civil, 51,0% (n=213) são casados e/ou em união de facto, 35,9% (n=150) são viúvos, 8,4% (n=35) são solteiros e 4,8% (n=20) são divorciados ou separados. Em relação ao agregado familiar 80,4 % dos idosos vivem com agregada familiar, são o grupo dos idosos com filhos que apresenta maior percentagem comparativamente ao grupo de idosos sem filhos, revelando que atualmente os idosos não vivem sozinhos. Relativamente à escolaridade (n=267; 63,9%) têm estudos havendo prevalência maior nos idosos com filhos. A zona de residência é essencialmente rural 64,8% (n=271), 21,5% (n=90) vivem numa zona suburbana e 13,6% (n=57) vivem em zona urbana. Em termos de escolaridade, a maioria dos idosos não apresenta escolaridade 63,9% (n=267) e quanto ao apoio de respostas sociais, a maioria dos idosos refere não ter qualquer tipo de apoio 71,5% (n=299) e 28,5% (n=119) mencionam ter apoio de respostas sociais.

Através dos testes de Phi e de VCramer, que avaliam a força da associação entre as variáveis e as diferenças nas proporções nas categorias pela subamostras, verificámos valores significativos nas seguintes variáveis: Sexo (Phi=-0,111; $p=0,023$), Agregado Familiar (Phi=0,133; $p=0,007$), Apoio Institucional (Phi=-0,136; $p=0,005$) e no Estado Civil (VCramer=0,683; $p=0,000$).

Sendo a nossa variável central deste estudo a (in)existência de filhos, e sendo os resultados apresentados segundo esta variável, é de referir que a maioria dos idosos inquiridos têm filhos, 87,10% (n=364).

Tabela 1 . Características Sociodemográficas da amostra segundo a (in)existência de filhos

	Total (N=418) N (% total;)	Com filhos (n=364) n (% na submaostra; % total;)	Sem filhos (n=54) n (% na submaostra; % total;)	Testes (X ²)
Sexo				
Masculino	151 (36,1)	139 (92,1; 38,2)	12 (7,9; 22,2)	$p=0,023$ (5,194)
Feminino	267 (63,9)	225 (84,3; 61,8)	42 (15,7; 77,8)	
Idade (grupo etário)				
≤ 75	204 (48,8)	179 (87,7; 49,2)	25 (12,3; 46,3)	$p=0,917$ (0,172)
76-85	157 (37,6)	136 (86,6; 37,4)	21 (13,4; 38,9)	
≥86	57 (13,6)	49 (86,0; 13,5)	8 (14,0; 14,8)	
Estado Civil				
Solteiro(a)	35 (8,4)	4 (11,4; 1,1)	31 (88,6; 57,4)	$p=0,001$ (195,209)
Casado(a)	213 (51,0)	203 (95,3; 55,8)	10 (4,7; 18,5)	
Viúvo(a)	150 (35,9)	138 (92,0; 37,9)	12 (8,0; 22,2)	
Divorciado(a)	20 (4,8)	19 (95,0; 5,2)	1(5,0; 1,9)	
Agregado familiar				
Sozinho	82 (19,6)	64 (78,0; 17,6)	18 (22,0; 33,3)	$p=0,007$ (7,398)
Com agregado familiar	336 (80,4)	300 (89,3; 82,4)	36 (10,7; 66,7)	
Escolaridade				
Não tem	151 (36,1)	129 (85,4; 35,4)	22 (14,6;40,7)	$p=0,449$ (0,573)
Tem	267 (63,9)	235 (88,0; 64,6)	32 (12,0; 59,3)	
Zona				
Rural	271 (64,8)	230 (84,9; 63,2)	41 (15,1; 75,9)	$p=0,115$ (4,325)
Suburbano	90 (21,5)	84 (93,3; 23,1)	7 (12,3; 13,0)	
Urbano	57 (13,6)	50 (87,7; 13,7)	7 (12,3; 13,0)	
Apoio Institucional				
Tem	119 (28,5)	95 (79,8; 26,1)	24 (20,2; 44,4)	$p=0,005$ (7,772)
Não tem	299 (71,5)	269 (90,0; 73,9)	30 (10,0; 55,6)	

Notas: n= número total de sujeitos; X²= Teste do Qui-Quadrado; p= nível de significância

Resultados

Na tabela 2 apresentamos as características das redes sociais pessoais dos idosos da amostra. Verifica-se que relativamente ao tamanho da rede, apresenta um tamanho médio de 7,81 indivíduos (tendo o valor mínimo 1 e o valor máximo 40). Relativamente às proporções dos campos relacionais na rede, verificamos que as relações familiares da rede apresentam um valor médio maior (M =77,56; DP =26,78) do que os restantes campos, sendo as proporções das relações de trabalho a mais baixa (M =0,56; DP =3,66). O nível de densidade indica uma elevada coesão coesa, visto que mais de 95% dos membros das redes, em média, estão interconectados entre si (M =95,61; DP =12,55). O que concerne às características funcionais, o apoio emocional é o que apresenta uma média mais elevada (M =2,67; DP =0,39). A companhia social (M =2,36;

DP=0,48) e o acesso a novas contactos (M =2,20; DP =0,65) revelam valores que nos indicam um apoio percebido entre o mínimo de 1 ponto e o máximo de 3 pontos. A reciprocidade de apoio (M = 3,35; DP =0,89), revela que os idosos do nosso estudo “dão apoio a algumas destas pessoas”, mencionadas na sua rede. Os níveis de satisfação são elevados (M = 2,82; DP =0,41). Nas características relacionais –contextuais, verificamos que a frequência de contactos (avaliada com a escala 1- “diariamente”, 2- “algumas vezes por semana”, 3- “semanalmente”, 4- “algumas vezes por mês” e 5- “algumas vezes por ano”), apresenta uma média de 2,16 o que revela que os idosos se encontram com os seus respetivos elementos “uma vez por semana”, em média. Relativamente à dispersão geográfica (M = 2,80; DP =0,97), verificou-se que os idosos tendem a viver “no mesmo bairro/rua” ou “na mesma terra” (tendo em conta que a variável é cotada entre 1- “na mesma casa”, 2- no mesmo bairro/rua”, 3- “na mesma terra”, 4- “até 50 km” e 5 - “mais do que 50kms”). No que se refere à durabilidade média das relações é de aproximadamente 40 anos (M=40,63; DP = 11,45), indicando forte estabilidade nos vínculos.

Tabela 2 . Características da rede social pessoal da amostra global.

	n	M	DP	Me	Mínimo	Máximo
Características estruturais						
Tamanho da Rede	416	7,81	5,41	6	1	40
Número de campos relacionais na rede	416	1,68	0,77	2	1	4
Proporção das relações familiares na rede	416	77,56	26,78	86,19	0	100
Proporção das relações de amizade	397	12,58	20,06	0	0	100
Proporção das relações de vizinhança	396	8,58	17,7	0	0	100
Proporção das relações de trabalho	393	0,56	3,66	0	0	36,36
Proporção das relações com técnicos	393	1,33	5,45	0	0	40
Nível de densidade	386	95,61	12,55	100	0	100
Características funcionais						
Apoio Emocional	416	2,67	0,39	2,80	1	3
Apoio Material e Instrumental	416	2,23	0,58	2,25	1	3
Apoio Informativo	416	2,4	0,52	2,42	1	3
Companhia Social	415	2,36	0,48	2,33	1	3
Acesso a novos vínculos	416	2,2	0,65	2,2	1	3
Reciprocidade de Apoio	416	3,35	0,89	4	1	4
Satisfação com a Rede	416	2,82	0,41	3	1	3
Características relacionais -contextuais						
Frequência de contactos	416	2,16	0,95	2	1	5
Dispersão geográfica	416	2,8	0,97	2,8	1	6
Durabilidade da relação	411	40,63	11,45	40,3	8	74

Notas: n= número total de sujeitos; M= Média; DP= Desvio Padrão; Me= Mediana

Tabela 2 a. Características da rede social pessoal da amostra global.

Outras Variáveis (n=418)	n	%
Heterogeneidade de gênero: sexo na rede		
Heterogénea no gênero	279	67,1
Homogénea gênero feminino ($\geq 75\%$)	101	24,3
Homogénea gênero masculino ($\geq 75\%$)	36	8,7
Heterogeneidade etária: Idade na rede		
Heterogénea na idade	239	57,5
Homogénea no grupo idoso ($\geq 75\%$)	35	8,4
Homogénea no grupo adulto ($\geq 75\%$)	140	33,7
Homogénea no grupo jovem ($\geq 75\%$)	2	0,5
Densidade na rede		
Coesa	349	90,4
Fragmentada	35	9,1
Dispersa	2	0,5

Notas: n= número total de sujeitos; M= Média; DP= Desvio Padrão; Me= Mediana

Na tabela 3 apresentamos os resultados relativos à parentalidade, sendo que os idosos com filhos são os majoritários (n=364; 87,1%) e os sem filhos os minoritários (n=54; 12,9%) na nossa amostra. Podemos verificar que relativamente às fratrias 109 (29,9%) são filhos únicos contrariamente a 255 (70,1%) integrados em fratrias múltiplas. Relativamente ao sexo dos filhos, a maioria dos idosos da amostra tem filhos de ambos os sexos (n=158; 43,4%). Os que têm filhos exclusivamente são do sexo feminino representam 33% e do sexo masculino 23,6%.

Tabela 3 . Características da Parentalidade na amostra

Parentalidade	n	%
Com filhos	364	87,1
Sem filhos	54	12,9
Fratrias (n=364)		
Filho único	109	29,9
Fratrias múltiplas	255	70,1
Sexo dos Filhos n (364)		
Filhos ambos sexos	158	43,4
Filhos só sexo masculino	86	23,6
Filhos só sexo feminino	120	33

Notas: n= número de indivíduos

Na tabela 4 observamos que de entre os idosos que têm filhos (n=364), a maioria tem 1 ou 2 filhos (67%). No entanto, há idosos que têm até 10 filhos. Analisámos também o número de filhos do sexo feminino e o número de filhos do sexo masculino, ainda que não tenhamos dados mais detalhados sobre a forma que assume essa distribuição.

Tabela 4 . Número de Filhos dos idosos da amostra, segundo o sexo

Nº de Filhos	<i>Total Filhos (ambos os sexos)</i> (M=2,35; DP=4,45)		<i>Filhas (sexo feminino)</i> (M=1,64; DP=0,790)		<i>Filhos (sexo masculino)</i> (M=1,66; DP=1,03)	
	n	%	n	%	n	%
1	109	29,9	144	52	144	58,8
2	135	37,1	99	35,7	65	26,5
3	58	15,9	27	9,7	22	9
4	34	9,3	5	1,8	9	3,7
5	13	3,6	2	0,7	3	1,2
6	10	2,7	-	-	1	0,4
7	2	0,5	-	-	1	0,4
8	-		-	-	-	
9	1	0,3	-	-	-	
10	2	0,5	-	-	-	
Total	364	100%	277	100%	245	100%

Notas: n= número total de sujeitos; M= Média; DP= Desvio Padrão; Me= Mediana

Na tabela 5, apresentamos as características estruturais da rede segundo a in(existência) de filhos. Através do teste U de Mann Whitney testou-se a existência de diferenças significativas entre os grupos de idosos com filhos e de idosos sem filhos.

Verifica-se que relativamente ao tamanho da rede, são os idosos com filhos que apresentam uma rede maior do que os idosos sem filhos, sendo que em média apresentam mais 2 pessoas do que a subamostra dos que não têm filhos, havendo diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,001$). É possível verificar que é o quadrante familiar que têm a média mais elevada no que se refere às outras proporções dos diferentes campos relacionais na rede. Os resultados indicam que os idosos com filhos, revelam ter um maior peso das relações familiares na rede do que os idosos sem filhos, existindo diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,001$) entre as subamostras. Na variável proporção das relações de amizade na rede são os idosos sem filhos que revelam ter uma média relativamente maior do que os idosos com filhos (M= 27,21 vs. M= 10,42), sendo assinalável a diferença de mais do dobro na proporção média, existindo estatisticamente diferenças significativas ($p < 0,001$).

No que se refere ao nível de densidade não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre idosos com e sem filhos. No entanto, quando observamos as proporções das relações de vizinhança na rede e das relações com técnicos na rede são os idosos sem filhos que apresentam uma média mais alta.

Tabela 5. Características estruturais da rede segundo a (in)existência de filhos na rede

	Com filhos (n=364) M (DP)	Sem filhos (n=54) M (DP)	Testes
Tamanho da Rede	8,1(5,4)	5,92(5,29)	U=6326,0** $p < 0,001$
Numero de campos relacionais	1,67 (0,76)	1,73 (0,84)	U=4075,500 $p=0,778$
Proporção das relações familiares na rede	81,66(22,7)	49,53(35,07)	U=4555,5** $p < 0,001$
Proporção das relações de amizade na rede	10,42(16,6)	27,21(32,14)	U=6211,5** $p < 0,001$
Proporção das relações de vizinhança na rede	6,83(13,81)	20,2(31,4)	U=7099,500* $p = 0,003$
Proporção das relações de trabalho na rede	0,65(3,9)	0,0(0)	U= 8415,0 $p= 0,175$
Proporção das relações com técnicos na rede	1,13(4,8)	2,61(8,56)	U=8401,5 $p= 0,336$
Nível Densidade	95,97(11,57)	92,5(18,77)	U=6550,500 $p= 0,223$

Notas: n= número total de sujeitos; M= Média; DP= Desvio-Padrão; U= Teste U de Mann Whitney; p= nível de significância

*p < 0,05 **p < 0,01

Na tabela 6 apresentamos as características funcionais da rede segundo as subamostras em estudo. Utilizámos o teste U de Mann-Whitney para testar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de idosos com filhos e sem filhos relativamente ao nível de apoio (emocional, material e instrumental, informativo), bem como a companhia social, acesso a novos contactos, reciprocidade de apoio de suporte e à satisfação com a rede. Conferimos que o apoio emocional é o que demonstra uma média mais elevada, comparativamente com outros níveis de apoio (M =2,67; DP =0,39), não existindo diferenças estatisticamente significativas entre os idosos com filhos e sem filhos em relação aos níveis de apoio. No que diz respeito ao acesso a novos vínculos, satisfação com a rede e reciprocidade de apoio podemos afirmar que estes apenas das médias serem superiores nos idosos com filhos, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, relativamente à satisfação da rede e à reciprocidade de apoio, respetivamente ($p > 0,05$).

Tabela 6. Características funcionais da rede segundo a (in)existência de filhos na rede

	Com filhos (n=364) M (DP)	Sem filhos (n=54) M (DP)	Testes
Apoio Emocional	2,69(0,38)	2,56(0,43)	U=8135,500, $p=0,058$
Apoio Material/Instrumental	2,24(0,58)	2,21(0,63)	U=9520,000, $p=0,903$
Apoio Informativo	2,41(0,51)	2,26(0,52)	U=8203,000, $p=0,080$
Companhia Social	2,36(0,47)	2,31(0,52)	U=8733,500, $p=0,381$
Acesso a Novos Vínculos	2,22(0,64)	2,06(0,77)	U=8340,000, $p=0,248$
Satisfação com a Rede	2,86(0,37)	2,62(5,62)	U=7671,000** $p < 0,001$
Reciprocidade de Apoio	3,42(0,85)	2,91(1,01)	U=6795,000** $p < 0,001$

Notas: U= Teste U de Mann Whitney; p= nível de significância; M= Média; DP= Desvio padrão;

*p < 0,05 **p < 0,01

Na tabela 7 apresentamos as características relacionais-contextuais da rede segundo a (in)existência de filhos. Os resultados demonstram que relativamente à frequência de contactos, a média mais elevada situa-se no grupo de idosos com filhos ($M = 2,17$; $DP = 0,91$), no entanto não se verifica uma diferença estatisticamente significativa ($p = 0,232$) entre aos dois grupos. Já relativamente à durabilidade da relação, esta apresenta uma média superior nos idosos sem filhos ($M = 44,11$; $DP = 14,75$), existindo diferenças estatisticamente significativas ($p = 0,028$).

Tabela 7 . Características relacionais-contextuais da rede segundo a (in)existência de filhos na rede

	Com filhos (n=364) M (DP)	Sem filhos (n=54) M (DP)	Testes
Frequência dos Contactos	2,17(0,91)	2,12(1,17)	U=8644,000 $p=0,232$
Residência	2,8(0,94)	2,69(1,13)	U=8577,000 $p=0,202$
Durabilidade	40,14(10,84)	44,11(14,75)	U=7430,000* $p=0,028$

Notas: Residência= Dispersão geográfica; Durabilidade = Durabilidade da Relação

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Na tabela 8, apresentamos os valores referentes às características da rede segundo filhos únicos vs fratrias. Utilizámos o teste U de Mann-Whitney para testar a existência de diferenças significativas. Percebemos que existem diferenças estatisticamente significativas entre filhos únicos e fratrias relativamente ao tamanho da rede, proporção das relações familiares na rede, proporção das relações de vizinhança na rede e na reciprocidade de apoio. Embora tenhamos testado todas as variáveis, só apresentamos os resultados estatisticamente significativos.

Tabela 8 . Características da rede segundo a parentalidade com filhos únicos vs com filhos em fratrias

	Filhos únicos n= 109 M (DP)	Fratrias n =254 M (DP)	Testes U
Tamanho da rede	7,25(4,66)	8,45(5,63)	11744,500* $p=0,022$
Proporção das relações familiares na rede	74,91(25,81)	84,55(20,56)	11034,500** $p=0,001$
Proporção das relações de vizinhança na rede	11,02(16,99)	4,94(11,63)	10114,000** $p=0,000$
Reciprocidade de apoio	3,28(0,88)	3,47(0,83)	12069,000* $p=0,026$

Notas: M= Média; DP= Desvio-Padrão; U= Teste U de Mann Whitney; p = Nível de significância

Na tabela 9, apresentamos as correlações estaticamente significativas entre o n° total de filhos e as diferentes variáveis da rede. A sua observação permitiu-nos verificar que quanto maior é o numero de filhos tanto maior é o tamanho da rede, a proporção das relações familiares, o apoio emocional, a reciprocidade de apoio, a satisfação com a rede e com o suporte social. Porém, apesar destas correlações serem estatisticamente significativas, apresentam pouco poder explicativo, já que nenhuma delas é explicada em mais de 10% pelo número de filhos.

Tabela 9 . Correlações entre o número total de filhos/as e as características estruturais e funcionais da rede social pessoal

	N° Total de Filhos/as	
	R	C.D
Tamanho da rede	0,173**	3%
Proporção das relações familiares na rede	0,316**	10%
Apoio emocional	0,127**	2%
Reciprocidade de apoio	0,140**	2%
Satisfação com a rede	0,110*	1%
Satisfação com o suporte social	0,111*	1%

Notas: * p \geq 0,05; ** p \geq 0,01 R = Coeficiente de correlação C.D = Coeficiente de determinação

Discussão e Conclusão

Pretendeu-se com este estudo analisar as características das redes sociais pessoais dos idosos face à (in)existência de filhos, analisando comparativamente duas subamostras: a dos idosos com filhos e a dos idosos sem filhos.

Importa, antes de discutirmos os resultados centrais deste trabalho, analisar e discutir brevemente alguns das características sociodemográficas e sociofamiliares pertencentes à nossa amostra.

A amostra deste estudo é composta por 418 idosos, 267 (63,9%) do sexo feminino e 151 (36,1%) do sexo masculino, o que se apresenta de acordo com a esperança média de vida ser superior nas mulheres. Segundo o INE (2013), esta tendência intensifica-se à medida que a idade vai aumentando, caracterizando-se a população idosa em família unipessoal por um padrão claro de feminização, o que é inseparável do facto da esperança média de vida ser, em média, superior nas mulheres.

Relativamente ao estado civil, observamos que a maioria dos idosos são casados ou vivem em união de facto (51%) e sem escolaridade (63,9%). Estes dados estão de acordo com os dados nacionais disponibilizados pela Pordata (2014), referentes aos dados populacionais de 2013.

Os resultados do nosso estudo mostram que dos 418 indivíduos, 87,1% têm filhos e 12,9% dos idosos não têm filhos. Esta proporção desigual da amostra vai ao encontro dos dados sobre as famílias portuguesas que constam na Pordata (2014) referente ao ano de 2013, as famílias com filhos representam a maior percentagem nos tipos de famílias. No entanto, e de acordo com os Censos de 2011 (INE,2013), em Portugal a dimensão média das famílias reduziu-se significativamente em 50 anos, passando de 3,8 pessoas por família, em 1960 para 2,6 pessoas, em 2011. Nestes últimos anos, assistiu-se ao aumento do peso relativo dos casais sem filhos (de 6% em 1960, para 9% em 2011) e das pessoas que vivem sós (de 12% em 1960 para 20% em 2012), o que traz acrescida pertinência ao presente estudo.

Face à (in)existência de filhos na rede, verifica-se que relativamente ao tamanho da rede, são os idosos com filhos que apresentam uma média mais elevada, comparativamente aos idosos sem filhos o que está de acordo com a literatura, ou seja, quanto maior for o número de filhos, maior é o tamanho da rede e que de um modo geral famílias maiores apontam para uma maior diversidade de suporte (Hareven, 1996; Rossi & Rossi, 1990). Côca (2012) utilizou uma metodologia similar para estudar as redes sociais pessoais e a qualidade de vida em idosos sem filhos, tendo colaboraram na investigação 51 indivíduos. Relativamente à estrutura, a rede social pessoal dos participantes do seu estudo apresentam um tamanho médio de 14,57 membros, uma média superior ao tamanho da rede dos idosos sem filhos na nossa amostra. Verificou-se ainda, na composição da rede que o quadrante com médias mais elevadas, é o das relações de amizade, sendo também a maior fonte de apoio percebido, o que vai ao encontro do nosso estudo. As redes dos idosos sem filhos, no nosso estudo, apresentam uma composição distinta: menor proporção ocupada pela família (cerca de menos um terço quando comparado com a outra subamostra), sendo no quadrante dos amigos, vizinhos e dos técnicos na rede que as redes sociais dos idosos sem filhos tendem a aumentar, apresentando proporções substancialmente mais elevadas, sobretudo nos amigos e vizinhos (mais do dobro da subamostra em comparação).

As relações entre amigos normalmente voluntárias, são baseadas em trocas informais, no interesse mútuo e necessidades sociais, pelo que estas relações apresentam geralmente maiores níveis de reciprocidade que as relações de parentesco (Ramos, 2002). Talvez porque os contactos fora da rede de família (como os amigos e vizinhos), sejam mais voluntários e menos baseados em obrigações sociais. “A rede familiar é involuntária e baseada no sentido de obrigação” (Litwak, 1981, in Paúl, 2005, p.287).

A partir do que observamos, podemos considerar que os filhos tendem a assumir um comportamento paternalista com os seus idosos, sobretudo quando estes apresentam menor autonomia, não considerando os desejos e preferência das pessoas idosas, sendo por vezes esta geração mais nova a decidir e a encontrar alternativas para os seus pais/idosos o que pode causar uma falta de confiança no idoso entre vários desentendimentos. Enquanto que os idosos nas relações de amizade toleram mais facilmente desigualdades 'temporárias' pois eles acreditam que terão mais tempo para reconciliar essas amizades (Rook, 1987). Segundo Paúl (2005), a rede de amigos é uma escolha voluntária por parte dos indivíduos, potencialmente mais positiva do que a rede familiar. Assim, a amizade pode partir de uma relação mais generalista (trocas instrumentais, como praticar desporto juntos, ser membro de um grupo musical, etc.) para uma amizade mais próxima (a lealdade e confiança são recíprocas) (Souza & Garcia, 2008).

Quanto às características funcionais da rede social pessoal, comparando as duas subamostras (com filhos e sem filhos), apenas a satisfação com a rede e a reciprocidade de apoio apresentam diferenças estatisticamente significativas sendo percebidas como superiores pelos idosos com filhos. Tal pode dever-se sobretudo ao compromisso do cuidar ser assumido pela família muito frequentemente. "O cuidado familiar prestado a idosos continua a ser de extrema importância para o bem-estar dos mais velhos, mesmo nas sociedades desenvolvidas actuais, onde continua a ser a família a assumir a imensa maioria das tarefas de apoio" (Tennstedt & McKinlay, 1989, in Paúl, 2005, p.283).

Parece consensual na literatura que o suporte social tende a aumentar a auto-estima, o humor positivo, a visão otimista da vida e a diminuir sensações de stress e sentimentos de solidão e fracasso (Pinheiro & Ferreira, 2002).

A família é tida como central nas redes sociais, sendo que a literatura revela que tem uma grande importância sócio emocional, servindo como maior fonte de suporte emocional, pelo que, de uma maneira geral, os relacionamentos sociais mais importantes envolvam a família e, os amigos (Freire & Rabelo, 2004). Na opinião de Paúl (1997), os amigos têm um grande peso no bem-estar subjetivo dos idosos, pois com eles partilham intimidades, recebem apoio emocional, têm oportunidades de socialização, e mesmo apoio instrumental. "As amizades são uma fonte de auto-confirmação, valorização do eu, auto-percepção, intimidade, aceitação e proteção contra o mundo" (Paúl, 1997, p.109) e as suas vicissitudes e contrariedades. O apoio emocional, material e instrumental, informativo, social e o acesso a novos vínculos são idênticos em ambos os grupos ($p > 0,05$). O que significa que independentemente da existência de filhos, os idosos têm uma percepção das suas redes como dando o mesmo nível de apoio, ou seja, os apoios parecem não

depende da existência ou não de filhos. Se uns percebem apoio dos filhos e de familiares outros perceberão os mesmos níveis de apoio de outros membros da rede, mais diversa, eventualmente compensando com outros vínculos.

Côca (2013), no seu estudo sobre redes sociais pessoais e qualidade de vida em idosos sem filhos, concluiu que as redes sociais pessoais das pessoas idosas sem filhos apresentam características que lhes conferem maior resiliência (maiores níveis de apoio recebido quando comparados a outros estudos de idosos sem filhos). Como não têm filhos, são mais acarinhados pela família e amigos, e são indivíduos que ao longo da vida desenvolveram provavelmente mais disponibilidade de apoiar as suas relações fora e dentro da família. No entanto, tal não sucede na nossa amostra, sendo as características funcionais muito semelhantes, como já referimos.

Quando nos concentramos nos aspetos relacionais-contextuais da rede entre a nossa amostra de idosos com filhos e sem filhos, verificamos que no que concerne à frequência de contactos, a média mais elevada situa-se na subamostra dos idosos com filhos. Os idosos revelam estar pelo menos “uma vez por semana” com os elementos da sua rede. Destacamos porém, a questão da durabilidade da relação que é ligeiramente maior nos idosos sem filhos (cerca de 4 anos). Dykstra e Hagestad (2007) revelaram que nos atributos dos vínculos verifica-se que a reciprocidade entre os idosos ocorre principalmente em relação aos amigos, mas a frequência de contactos e a durabilidade da relação entre os indivíduos idosos é mais relevante com a família o que vem confirmar os nossos resultados da amostra relativamente à frequência de contactos, mais focada na família provavelmente com filhos, e por outro lado contradizer os resultados relativamente à durabilidade. No entanto, tal poderá dever-se ao facto de, quando se têm filhos, a probabilidade da existência de netos é grande, diminuindo a faixa etária da rede e a durabilidade média das relações. Um estudo realizado por Stevens (2001), concluiu que manter uma amizade durante longos anos é essencial para o bem estar emocional, através de apoio e companheirismo. É muito provável que a durabilidade das redes seja maior com as relações entre pares, nomeadamente com os chamados amigos de longa data. Neste estudo, as redes sociais pessoais dos idosos apresentam redes coesas, heterogêneas na idade e heterogêneas também no género, não se verificando diferenças entre as subamostras

Analisámos ainda as características da rede apenas da subamostra com filhos, em função da parentalidade de filhos únicos vs fratrias. Os resultados demonstraram que o tamanho da rede e a proporção das relações familiares, de vizinhança e reciprocidade de apoio foram as únicas variáveis onde as diferenças foram estatisticamente significativas com os idosos com fratrias, ou seja, os que têm mais do que um filho a apresentarem valores mais elevados no tamanho da rede, no peso das relações familiares na rede e na reciprocidade de apoio, enquanto

que os idosos com filhos únicos têm uma proporção da relação da vizinhança na rede significativamente superior aos idosos que são pais de mais filhos.

Quando correlacionamos o número de filhos com as características estruturais e funcionais da rede, ficou demonstrado que as variáveis se correlacionam, sendo que, quanto maior é o número de filhos, maior é o tamanho da rede, a proporção das relações familiares na rede e a satisfação com a rede. Contudo, a influência que o número de filhos tem para classificação na rede não é superior, em nenhum caso, a 10%.

Ao longo de todo este estudo, podemos concluir que cada tipo de rede apresenta potencialidades e fragilidades, vantagens e desvantagens. Verifica-se ao longo deste estudo que as relações familiares são importantes e valorizadas pelos idosos, outros dados aqui analisados, demonstram que esta relação não é linear, e que depende de variadíssimos fatores, como ter ou não ter filhos, provavelmente o meio onde os idosos se encontrem (rural ou urbano), ou as condições físicas e sócio econômicas dos idosos, entre outras determinantes que não avaliamos. No entanto, consegue-se destacar a importância da rede social familiar e de comunidade (amigos e vizinhos).

Seria fundamental pensar em novos estudos sobre o papel dos filhos e da sua existência ou não, sobretudo em populações com níveis de dependência elevados para perceber se a natureza do compromisso relacional no cuidar se alargaria nestes casos, por exemplo, a vínculos nas relações de amizade e vizinhança.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44: 353-376.
- Amador, C. (2010). A Prestação de Cuidados na Velhice. Um estudo a partir da Associação de Pescadores Aposentados de Matosinhos. Dissertação de Mestrado em Sociologia, sob orientação da Professora Doutora Sílvia Portugal, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Alvarenga, A. (2000). Os "Envelhecimentos" - População e suas consequências na Zona Euro 11. Lisboa: Departamento de Perspectiva - Ministério da Educação.
- Barreto J. (2005). Envelhecimento e qualidade de vida: o desafio atual. *Revista Faculdade de Letras: Sociologia* 2005; 15:289-302.
- Caldas C. (2004). Cuidado familiar: a importância da família na atenção à saúde do idoso. In: Saldanha AL, Caldas CP, organizadores. *Saúde do idoso: a arte de cuidar*. 2ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Interciência; 2004. P 41-47.
- Cantor, M.H. 1994. "Family caregiving: Social care", dans M. Cantor, éd. *Family Caregiving: Agenda for the Future*. San Francisco, CA, American Society on Aging: 1-19.
- Chappell, Neena L. 1991. "Living arrangements and sources of caregiving", *Journal of Gerontology: Social Sciences*, 46, 1 : S1-8.
- Côca, N. (2012). Redes sociais pessoais e qualidade de vida em idosos sem filhos. Dissertação de mestrado não publicada. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Correia, C.M.G.S. (2009). O Apoio Social e a Qualidade de Vida dos Idosos do Concelho de Faro. Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Psicologia. Mestrado em Psicologia na especialização em Psicologia da Saúde.
- Cockerham, W. (1991). *This aging society*. New Jersey: Prentice Hall.
- Dykstra, P. A. & Hagestad, G. O. (2007). Roads less taken: Developing a nuanced view of older adults without children. *Journal of Family Issues*, 28 (10), 1275-1310.
- Fernades, A., (2001), "Velhice, Solidariedades Familiares e Políticas Social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida", *Sociologia – Problema e Práticas*, nº36, pp.39-52.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento* (1a ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

- Fredrickson, B. L., & Carstensen, L. L. (1990). Choosing Social partners : How old age and anticipated endings make us more selective. *Psychology and Aging*, 5, 335-347.
- Freitas, P.C.B. (2001). *Solidão em Idosos. Percepção em Função da Rede Social. II Ciclo em Gerontologia Social Aplicada*. Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional de Braga. Faculdade de Ciências Sociais.
- Freire, S. A. e Rabelo, D. F. (2004). Qualidade de vida e bem-estar subjectivo: um estudo em asilos. In: J. Ribeiro e I. Leal (Orgs.), *Actas do 5o Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Grelha, P. A. (2009). *Estudo sobre a Influência da Educação para a Saúde na Qualidade de Vida*. Faculdade de Medicina de Lisboa. (dissertação de mestrado). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Guadalupe, S. (2000) *Singularidade das redes e redes da singularidade: rede social pessoal e saúde. Estudo exploratório numa mostra com esquizofrénicos, deprimidos e população geral*. Dissertação de Mestrado não publicada, Escola Superior de Altos Estudos do Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal
- Guadalupe, S. (2003). Programa de rede social: Questões de intervenção em rede secundária. *Interações*, 5, 67-90.
- Guadalupe, S. (2009)). *Intervenção em rede: serviço social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra
- Hareven, T. K. (1996). *Aging and Generational Relations, Life-Course and Cross- Cultural Perspectives*. New York : Aldine de Gruyter.
- Hespanha, Maria José Ferros (1993), "Para além do Estado: a saúde e a velhice na sociedade-providência", in Santos, Boaventura de Sousa (org.), Portugal: um Retrato Singular. Porto: Afrontamento. pp. 315-335.
- Instituto Nacional de Estatística. (1999). *As Gerações mais idosas*. Lisboa. Série Estudos ISSN 0373-3162.
- INE (2011). *Censos 2011 – Resultados provisórios*. Lisboa : Instituto Nacional de Estatística. I.P.
- Mutchler, Jan E. (1992), "Living arrangements and household transitions among the unmarried in later life", *Social Science Quarterly*, vol. 73, No 3, Malden, Massachusetts, Blackwell Publishers, septiembre.
- INE (2014). *Censos 2013 – Resultados provisórios*. Lisboa: Instituto nacional de Estatística, I.P.
- KARSCH, U. M. *Idosos dependentes: famílias e cuidadores*. São Paulo, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/csp/v19n3/15890.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2014.
- NERI, A. L. "O que a Psicologia tem a oferecer ao estudo e à intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje". In: NERI, A. N., SANCHEZ, M. Y. (orgs.) *Velhice bem-sucedida. Campinas: Papirus*, 2004, p.13-27.

- Paúl, C. E Fonseca, A. M. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi.
- Paúl, M. C. (2005). Envelhecimento ativo e redes de suporte social. Departamento de Ciências do Comportamento. *Revista da Faculdade de Letras. UP Sociologia*, 15,275-287.
- PERLINI, Nara Marilene O.; LEITE, Marines Tambara; FURINI, Ana Carolina. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. *Revista da Escola de Enfermagem USP*. 2007,41(2):229-36.
- Pimentel, L. (2001). *O Lugar do Idoso na Família: contextos e trajectórias*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pimentel, L. (2005). *O lugar do idoso na família*. Coimbra: Quarteto.
- Pinheiro, M. R. M. e Ferreira, J. A. G. (2002). O questionário de suporte social: adaptação e validação da versão portuguesa do social support questionnaire (SSQ6). *Psychologica*, 30, 315-333
- Pordata (2012). Base de Dados Portugal Contemporâneo, Acedido em 7 de Março em <http://www.pordata.pt>.
- Portugal, S. (1995). As mãos que embalam o berço: um estudo sobre as redes informais de apoio á maternidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42, 154-176
- Portugal, S. (2007). *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Oficina do Centro de Estudos Sociais, 271 (Março).
- Portugal, S. (2011). Dádiva, Família e Redes Sociais. In S. Portugal & P.H. Martins (org.), *Cidadania, Políticas Públicas e Redes Sociais* (pp.39-53). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Ramos, M. P. (2002). Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias*, 7 (4), 156-175
- ROOK, K. S. Reciprocity of social exchange and social satisfaction among older women. *Journal of Personality and Social Psychology*, EUA, n. 52, p. 145-154, 1987.
- Rossi, A. S. & Rossi, P. H. (1990). *Parent-Child Relations Across the Life Course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Silva, E. B. N. (1996). A relação familiar e o idoso. *Gerontologia*, São Paulo, v.4, n.2, p.75-8, 1996
- Sousa, F. (2008). *Depressão e Actividades de Vida Diária no Idoso*. Dissertação de Mestrado em Geriatria e Gerontologia, Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro, Aveiro.

- Souza, L. & Garcia, A. (2008). Amizade em idosos: Um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. *Estudo Interdisciplinar do Envelhecimento*, 13, 173-190.
- Sousa, L., Figueiredo, D., & Cerqueira, M.(2006). *Envelhecer em família. Os cuidadores na velhice*. Porto: Âmbar.
- Sluzki, C. E. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistematica*. Barcelona: Editorial Gedisa
- Stevens, N. (2001). Combating loneliness: a friendship enrichment programme for older women. *Ageing and Society*, 21, 183-202.
- Stone, Leroy O., et Carolyn Rosenthal. 1997. " The profile of the social networks of Canada's elderly: An analysis of 1990 General Social Survey data", dans H.Littwin, éd. *The Social Networks of Older People. A Cross-national Analysis*. Londres, Praeger : 78-97
- Shanas, E., J.Fries, H. P. Milhoj et J. Steinhower. 1968. *Old People in Three Industrial Societies. New York et Londres: Atherton and Routledge and Kegan Paul, 478 p.*
- Vikström, J., Bladh, M., Hammar, M., Marcusson, J., Wressle, E., &Sydsjö, G. (2011). The influences of childlessness on the psychological well-being and social network of the oldest old. *BMC Geriatrics*, 11:78.
- Wolf, Douglas (1994), The elderly and their kin: Patterns of availability and access", *Demography of Aging*, L.G. Martin y S.H. Preston (comps.), Washington, D.C., Academy Press.
- Wu, Z. & Pollard, M. S. (1998). The relationship of social environment, social networks, and health outcomes in the Seattle Longitudinal Study: two analytical approaches. *Journal of Gerontology: Psychological Science*, 52, 5, p.197-205.